

KAZUO ISHIGURO

Noturnos

Histórias de música e anoitecer

Tradução
Fernanda Abreu



Copyright © 2009 by Kazuo Ishiguro

Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Nocturnes — Five stories of music and nightfall

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

?

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Valquíria Della Pozza

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ishiguro, Kazuo

Noturnos : histórias de música e anoitecer / Kazuo Ishiguro ; tradução Fernanda Abreu. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Nocturnes : five stories of music and nightfall.

ISBN 978-85-359-1636-2

1. Contos japoneses I. Título.

10-02007

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura japonesa em inglês 823.91

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Crooner, 9
Chova ou faça sol, 39
Malvern Hills, 87
Noturno, 121
Celistas, 179

Crooner

Na manhã em que vi Tony Gardner sentado entre os turistas, a primavera havia acabado de chegar aqui em Veneza. Tínhamos completado nossa primeira semana inteira do lado de fora, na *piazza* — um alívio, deixem-me dizer, depois de todas aquelas horas abafadas tocando nos fundos do café, atrapalhando os clientes que queriam usar a escada. A brisa soprava com força nessa manhã, e nosso toldo novinho em folha se agitava em volta de nós, mas estávamos todos nos sentindo um pouco mais animados e dispostos, e acho que isso transparecia na nossa música.

Mas olhem eu aqui falando como se fosse um membro da banda. Na verdade, sou um dos “ciganos”, como os outros músicos nos chamam, um desses caras que estão sempre andando pela *piazza*, ajudando qualquer uma das três orquestras dos cafés que esteja precisando de nós. Eu toco principalmente aqui, no Caffè Lavena, mas quando a tarde está agitada posso muito bem fazer um *set* com os caras do Quadri, ir até o Florian, e depois tornar a cruzar a praça para o Lavena. Me dou bem com todos

eles — e com os garçons também —, e em qualquer outra cidade a esta altura eu já teria um posto fixo. Mas aqui, neste lugar tão obcecado por tradição e passado, tudo está de cabeça para baixo. Em qualquer outro lugar, tocar violão contaria a favor. Mas aqui? Um violão! Os gerentes dos cafés ficam nervosos. Parece moderno demais, os turistas não vão gostar. No outono passado, arrumei um modelo *vintage* usado por músicos de jazz, com a boca oval, o tipo de violão que Django Reinhardt poderia ter tocado, para não correr o risco de ninguém me confundir com um músico de rock and roll. Isso facilitou um pouco as coisas, mas os gerentes dos cafés continuam não gostando. A verdade é que, se você é violonista, poderia até ser Joe Pass que nem assim eles lhe dariam um emprego fixo na praça.

Há também, é claro, o pequeno problema de eu não ser italiano, quanto mais veneziano. Acontece a mesma coisa com aquele tcheco grandão que toca sax alto. As pessoas gostam de nós, os outros músicos precisam de nós, mas não nos encaixamos exatamente no modelo oficial. Toquem e fiquem de boca fechada, só isso, é o que sempre dizem os gerentes dos cafés. Assim os turistas não percebem que vocês não são italianos. Vistam seu terno, ponham seus óculos escuros, penteiem o cabelo para trás, e ninguém vai saber a diferença; só não comecem a falar.

Mas não me saio assim tão mal. As três orquestras dos cafés, sobretudo quando têm que tocar ao mesmo tempo sob seus toldos rivais, todas precisam de um violão: algo suave, sólido, porém amplificado, marcando os acordes lá do fundo. Imagino que vocês estejam pensando que três bandas tocando ao mesmo tempo na mesma praça devem produzir uma confusão danada. Mas a Piazza San Marco é grande o suficiente para comportar as três. Um turista que esteja passeando pela praça ouvirá uma das músicas diminuir enquanto a outra vai aumentando, como se estivesse trocando de emissora de rádio. O que os turistas não

conseguem aguentar muito é essa coisa de música clássica, todas essas versões instrumentais de árias famosas. Tudo bem, isto aqui é San Marco, eles não querem os últimos sucessos do pop. De tantos em tantos minutos, porém, querem algo que possam reconhecer, quem sabe uma antiga canção de Julie Andrews ou o tema de algum filme famoso. Lembro-me de uma vez, no verão passado, em que fui passando de banda em banda e toquei “O poderoso chefão” nove vezes em uma só tarde.

Enfim, ali estávamos nós naquela manhã de primavera, tocando diante de uma plateia razoável de turistas, quando vi Tony Gardner sentado sozinho com seu café, quase exatamente na nossa frente, talvez a uns seis metros do nosso toldo. Gente famosa aparece na praça o tempo todo, e nós nunca fazemos espalhafato. Às vezes, quem sabe, no final de algum número, os músicos cochicham entre si. Olhem, aquele ali é o Warren Beatty. Olhem, é o Kissinger. Aquela mulher trabalhou no filme sobre os homens que trocam de rosto um com o outro. Estamos acostumados com isso. Afinal de contas, aqui é a Piazza San Marco. No entanto, quando percebi que aquele ali sentado era Tony Gardner, foi diferente. Eu fiquei animado *mesmo*.

Tony Gardner era o preferido da minha mãe. No meu país, na época dos comunistas, era muito difícil conseguir discos assim, mas a minha mãe tinha praticamente a coleção completa dele. Quando eu era menino, certa vez arranhei um desses preciosos discos. Nosso apartamento era muito abarrotado, e um menino da minha idade simplesmente precisava se mexer de vez em quando, sobretudo durante os meses frios em que não se podia sair de casa. Então eu estava brincando de pular do nosso pequeno sofá para uma poltrona, e em um dos pulos calculei mal a distância e acertei o toca-discos. A agulha arranhou o disco inteiro com um chiado — isso foi muito antes dos CDs — e minha mãe saiu da cozinha e começou a gritar comigo. Eu me

senti muito mal, não apenas porque ela estava gritando comigo, mas porque eu sabia que aquele era um dos discos de Tony Gardner, e sabia quanto isso significava para ela. E sabia que aquele disco ali também agora teria aqueles estalos enquanto ele cantasse aquelas canções americanas. Anos depois, quando eu estava trabalhando em Varsóvia e fiquei sabendo da existência dos mercados negros de discos, substituí todos os velhos álbuns de Tony Gardner da minha mãe, incluindo aquele que arranhei. Levei mais de três anos para fazer isso, mas continuei comprando os discos, um de cada vez, e sempre que ia visitá-la levava-lhe mais um.

Então vocês entendem como fiquei animado quando o reconheci, a meros seis metros de distância. No início, quase não consegui acreditar, e talvez tenha me atrasado uma batida para trocar de acorde. Tony Gardner! O que minha querida mãe teria dito se soubesse! Em homenagem a ela, em homenagem à sua memória, eu precisava ir até ele e dizer alguma coisa, mesmo que os outros músicos rissem e dissessem que eu estava me comportando feito um lacaio.

Mas é claro que eu não podia simplesmente sair correndo até ele empurrando mesas e cadeiras. Precisávamos terminar a nossa série. Foi uma agonia, lhes digo, tocar mais três ou quatro números, e a cada segundo eu achava que ele estava prestes a se levantar e ir embora. Mas ele continuou sentado ali, sozinho, encarándo seu café, mexendo-o como se estivesse realmente intrigado com aquilo que o garçom lhe trouxera. Ele se parecia com qualquer outro turista americano, vestido com uma camisa polo azul-clara e uma calça cinza larga. Os cabelos, muito escuros e muito brilhantes nas capas dos discos, agora já eram quase brancos, mas ainda fartos, e estavam meticulosamente escovados no mesmo penteado de antigamente. Quando o vi pela primeira vez, ele estava segurando os óculos escuros — duvido que de ou-

tra forma pudesse tê-lo reconhecido —, mas, à medida que a nossa série prosseguia e eu continuava olhando, ele os pôs no rosto, tornou a tirá-los, depois tornou a pô-los. Parecia preocupado, e fiquei desapontado ao ver que ele na verdade não estava prestando atenção na nossa música.

Então a série terminou. Saí correndo de debaixo do toldo sem dizer nada aos outros, fui até a mesa de Tony Gardner e então tive um momento de pânico, sem saber como iniciar a conversa. Estava em pé atrás dele, mas alguma espécie de sexto sentido o fez se virar e olhar para mim — acho que foram todos aqueles anos sendo abordado pelos fãs —, e quando eu percebi já estava me apresentando, explicando quanto o admirava, que tocava na banda que ele estivera escutando, que minha mãe era uma grande fã dele, tudo em um fôlego só. Ele ficou escutando com uma expressão grave no rosto, meneando a cabeça de tantos em tantos segundos como se fosse meu médico. Continuei falando, e tudo que ele dizia de vez em quando era: “É mesmo?”. Depois de algum tempo, achei que era hora de ir embora, e já havia começado a me afastar quando ele disse:

— Então você vem de um daqueles países comunistas. Deve ter sido difícil.

— Isso tudo já passou. — Dei de ombros, alegre. — Nós agora somos um país livre. Uma democracia.

— Que bom ouvir isso. E aquela que estava tocando era a sua banda. Sente-se. Quer um café?

Eu disse a ele que não queria importuná-lo, mas agora havia algo de levemente insistente no sr. Gardner.

— Não, não, sente-se. Você estava dizendo que a sua mãe gostava dos meus discos.

Então me sentei e lhe contei mais um pouco. Sobre minha mãe, nosso apartamento, os discos do mercado negro. E, embora não conseguisse me lembrar do título dos LPs, comecei a descre-

ver as imagens das capas da forma como me lembrava, e sempre que eu fazia isso ele erguia o dedo no ar e dizia algo como: “Ah, esse aí é o *Inimitável*. O *inimitável Tony Gardner*”. Acho que nós dois estávamos gostando daquela brincadeira, mas então percebi o olhar do sr. Gardner se afastar de mim e me virei bem a tempo de ver uma mulher se aproximando da nossa mesa.

Era uma dessas senhoras americanas muito elegantes, com os cabelos, as roupas e o corpo tão bonitos que você só percebe que já não são assim tão jovens quando as vê de perto. De longe, eu poderia tê-la confundido com a modelo de uma dessas revistas de moda de papel brilhante. Mas, quando ela se sentou ao lado do sr. Gardner e ergueu os óculos escuros até a testa, percebi que devia ter pelo menos cinquenta anos, talvez mais. O sr. Gardner me disse:

— Esta é Lindy, minha mulher.

A sra. Gardner me lançou um sorriso um tanto forçado, depois disse ao marido:

— Quem é esse? Você fez um amigo.

— Isso mesmo, meu bem. Estava aqui me divertindo conversando com... Desculpe, amigo, eu não sei o seu nome.

— Jan — respondi depressa. — Mas os amigos me chamam de Janeck.

Lindy Gardner falou:

— Quer dizer que o seu apelido é mais comprido do que o seu nome de verdade? Como pode?

— Não seja grosseira com o rapaz, meu bem.

— Não estou sendo grosseira.

— Não ria do nome do rapaz, meu bem. Isso, boa menina.

Lindy virou-se para mim com uma expressão que parecia impotente.

— Você está entendendo o que ele está falando? Eu ofendi você?